

# Suplemento Cultural Nº 26

## Poesias

\* Marcelo de Almeida Toledo

### COLECISTITE CALCULOSA

Num poço escuro e viscoso,  
cheio de musgo e rugeto,  
em meio a lodo pastoso,  
mora um perigo cruento.

Pois nessa entranha de gente,  
em plano interno e profundo,  
seis pedras dormem bem rente,  
ao chão limoso e imundo.

As pedras, fileiradas,  
lembram um guizo de cobra;  
jazem frias, disfarçadas,  
pela aba de uma dobra.

É como uma cascavel,  
cheia de ódio e de morte;  
perigo curtido em fel,  
a agourar nossa sorte.

### CABEÇA DE MULHER

É uma idéia obscena circunscrita  
Na calota craniana, por janela  
À procura de saída, chora e grita,  
Se reflete, se amplia, e se esfacela.

Enfeixada, em trajetos, se desloca  
Por elétron, que essa idéia ele conduz,  
Em áreas destinadas desemboca,  
Velocíssimo, viajando feito luz.

E o plasma dessas células nervosas,  
Que o processo bioquímico estimula,  
Desintegra em explosões maravilhosas,  
Mas nas cordas da laringe capitula.

Pelo giro e pelo sulco é que caminha,  
Nos delírios das curvas assintóticas;  
E no límbico sistema é que se aninha,  
Na hipertrofia das áreas porno-eróticas.

É mulher, lambuzada de saúde,  
Em pleno gozo da função vital,  
Melhor seria estar num ataúde  
Que perder, desta vida, o essencial.

### VOLVO DE SIGMÓIDE (ou o Sinal do Pássaro)

É um corvo negro e agourento  
cuja presença, fatal,  
indica torção de alça:  
oclusão intestinal.  
Faz-se o enema opaco  
(dos cólons, o itinerário)  
a imagem aparece em branco:  
tingiu-se o corvo de bário.

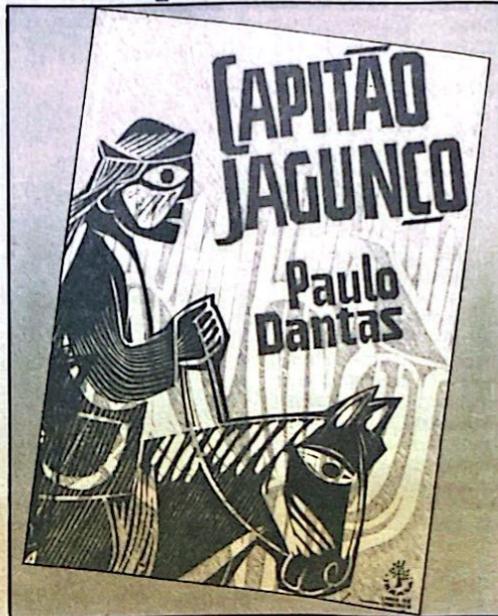
\* As poesias foram publicadas no livro "Coisas Minhas", de MARCELO DE ALMEIDA TOLEDO.

## Objetividade e clareza em "Capitão Jagunço"

\* Raimundo Nunes

Acabo de receber com honrosa dedicatória o livro "Capitão Jagunço", de autoria de escritor e poeta Paulo Dantas (1987, em sua 7.ª edição). Trabalho bem ordenado, a história se cruza com a ficção, operando uma melhor transparência à chamada "guerra de Canudos", quando o autor procura traduzir em linguagem objetiva e simples a riqueza temática do diálogo que o gênio Euclides da Cunha nos legou em tempo de beleza semântica e energia telúrica nem sempre ao alcance interpretativo do leitor comum. Paulo Dantas recriou a imagem de um jagunço como que ressuscitado das cinzas evocativas de Canudos. Com ele "viajou" pelas curvas das estradas sertanejas, buscando recompor detalhes, episódios e ocorrências, cobrindo roteiros históricos e reativando desdobramentos sociológicos na geografia da guerra regional.

Além de ser uma reciclagem historiográfica, seu trabalho ficcional imprime uma feição didática, tornando mais palatável a substancial reportagem que o talento euclidiano consagrou na obra-prima da Sociedade Nacional. A obra de Euclides, imortal e inimitável, como todos sabem, realizou o mérito de reunir, penetrando a fundo quase todos os aspectos geossociais da região conflitada com os desdobramentos e repercussões no cenário político nacional naquela fase transitiva. Tudo ou quase tudo trespalava turbulência. Confronto monarquia-república, questionamento Sul-Nordeste, Litoral-sertão, tropas regulares do exército e milícias contra o fanatismo do Antônio Conselheiro comandando legiões de jagunços que, sob suas ordens e bênçãos, inscreveram uma epopéia. O que poderia ser apenas o percurso de uma operação de rotina administrativa, assumiu aspectos heroicos de dimen-



sões e consequências trágicas, transformando um episódio localizado de incompreensão e ignorância num rastilho de guerrilhas e atrocidades sem precedentes no nosso retrospecto evocativo.

Os primeiros percalços das forças regulares contra os jagunços tiveram repercussões negativas no Rio de Janeiro, então Capital Federal. O governo central começava a receber pressões populares instigadas pela oposição, procurando como que demarcar dois pólos antagônicos, como ocorre sempre que surgem dissensões políticas. Como o condutor do fanatismo de Canudos persistia nas idéias monarquistas, não faltaram vozes e veículos de comunicação procurando ligar os fatos ao enfraquecimento do regime republicano nascente. Daí o endurecimento do governo federal, ferido nos bríos do poder presidencialista, julgando "dever patriótico" esmagar a mazorca de Canudos. E a repressão se fez ultrapassando os limites da lucidez e da prudência humanas, chegando ao número exagerado de cinco mil homens para o massacre

final de uns bandos de sertanejos subnutridos e esfarrapados, reforçando a carência das armas, de alimentos e organização logística pela coragem do nosso caboclo, que se torna mais indomável quando tocada pelos dispositivos de fé e, totalmente imbatível, quando aquela fé se transnuda em fanatismo.

"Os Sertões", de Euclides da Cunha, se transformou no testemunho coevo daquele "exemplo único da história": Canudos não se rendeu. Lutou até os últimos redutos da bravura humana, nada mais restando quando as tropas governistas, chamadas legais, reduziram a cinzas, pelo combate, à torpeza e os incêndios os vestígios finais de uma campanha inglória. Fundiu-se Canudos num oceano de chamas - "No fim, disparando os derradeiros tiros do fosso ao pé dos destroços da igreja, um velho, dois jagunços, uma criança, sustentaram ainda a luta com as cinco mil baionetas que corriam sobre eles, desatando as suas ondas de prata em redor da imensa fogueira" (enciclopédia Delta Larousse - vol 2 - pág. 1104). Todas as casas ruíram

sob o braseiro. A igreja acabou de ser destruída pelas explosões de dinamites. A população foi extinta, não houve prisioneiros. Faltava à vitória final do governo um traço de grandeza, um resquício de compreensão humana, merecendo o protesto do verbo de Rui que condenava a vitória que degola os vencidos. O país tomou consciência da guerra imotivada que virara hecatombe. Os acadêmicos de Direito da Bahia comandaram movimentos de protesto, interrogando onde se encontravam os prisioneiros de Canudos. A temática se tornou objeto do repórter gênio que produziu "Os Sertões" - a bíblia nacional.

Coube a Paulo Dantas a tarefa literária de imprimir mais objetividade e clareza à explicação política, histórica e sociológica da saga de Canudos que, a partir de Euclides da Cunha, tem enriquecido o universo de pesquisas, investigações, teses, novelas e romances, equipando renovadas contribuições, se multiplicando além das nossas fronteiras culturais. O enredo ficcional de sua obra guarda inteira fidelidade aos fundamentos que a geraram. Percorreu caminhos longos e tortuosos na recomposição dos espaços físicos do conflito, evidentemente modificados nas escaladas dos tempos. Desde as descrições coloridas de Euclides, fixando regiões, escuras, acíves e configurações orográficas, até o reduto de Canudos, à época desaparecido sob o fogo e hoje submerso pelas águas de uma barragem. Documentou o aspecto fisiográfico local que soube somar ao acervo historiográfico de que pôde dispor para realizar o seu "Capitão Jagunço", síntese quase perfeita da dimensão nacional de uma epopéia, cujos desdobramentos continuam desafiando o sectarismo oficial em relação ao transe do sertanejo no encarte da geopolítica nordestina.

# Papanicolaou, o pai

Carlos Alberto Salvatore

Sinto-me muito honrado com a indicação do prof. Carlos da Silva Lacz para relatar aspectos biográficos do eminente pesquisador George Papanicolaou. Foi o idealizador do método que leva seu nome para detectar o câncer do colo uterino em suas fases iniciais, as sintomáticas, tentando assim propiciar a tão almejada erradicação do câncer do colo do útero. Sem dúvida, nos países em que seu método aos poucos foi abrangendo grande parcela da população feminina, houve significativa diminuição da incidência do câncer cervicouterino, principalmente, das formas mais avançadas, contribuindo assim para a alta média de vida das mulheres.

O benefício que seu método de detecção do câncer do colo do útero facultou à população feminina está sendo bem avaliado atualmente, quarenta anos após a sua divulgação. Em países de alto nível, como os da Europa e Estados Unidos, Canadá, Austrália e Japão, a incidência do câncer do colo do útero, que era alta em relação ao do corpo uterino, hoje quase se iguala.

Entre 1920 e 1950 predominou a anatomia patológica tipicamente morfológica, e as lesões descobertas pela biópsia dão base científica ao diagnóstico. Todavia, na própria Alemanha, berço de avançados estudos anátomo-patológicos, em 1924, em Hamburgo, inventava o colposcópico, aparelho óptico que permite visualizar alterações atípicas que podem acobertar lesões malignas do colo uterino.

Mesmo entre nós, a grande maioria dos patologistas da década de 1940 e 1950 não acreditava que num esfregaço vaginal as células descamadas aí encontradas permitissem suspeitar ou refletir lesão maligna cervical e até do corpo do útero.

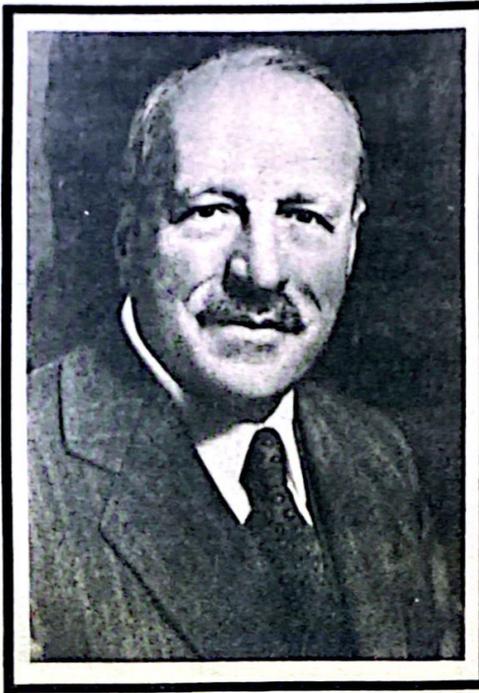
Tais células estariam indicando a prática da biópsia do colo do útero e até a curetagem do canal cervical e do corpo

do útero para descartar possível lesão maligna.

Entre 1930 e 1950, a grande preocupação dos ginecologistas eram as campanhas para o diagnóstico precoce, pois o primeiro professor de Ginecologia desta escola, Nicolau de Moraes Barros, em seu livro "Lições de Clínica Ginecológica", editado em 1944, afirmava que, com relação ao câncer do colo do útero, "a dor deixava de ser a sentinela avançada da saúde para se tornar a pregoeira sinistra de morte". E como o câncer do colo uterino é mais frequente nas multiparas, dizia que o "estranho prêmio com que o destino galardoa os sofrimentos da maternidade era o câncer do colo do útero". Daí a idéia generalizada de se insistir sobre a necessidade do diagnóstico precoce. Mas, ao se referir à propedêutica, cita em seu livro a colposcopia de e, em relação a colpocitopatologia, apenas assinala como sendo a derradeira arma propedêutica imaginada há alguns anos por Papanicolaou, na qual Joe Vicent Meigs, da Universidade de Harvard, promulgava recente calorosa apologetica. Referia Nicolau de Moraes Barros, em 1944, que se tratava de recurso novo, ainda em ensaios e que aguardava a sanção de mais acuradas observações.

Justamente porque o descrédito do novo método imperava entre os patologistas da época, enquanto a ansia dos ginecologistas com suas campanhas para a detecção precoce do câncer aumentava, vários ginecologistas começaram a se adestrar em colposcopia e outros procuraram os laboratórios para se tornarem citologistas.

Entre nós o prof. Antônio Cardoso de Almeida foi um dos raros anátomo-patologistas que, de início, se dedicou à citologia e logo constatou as vantagens de se observar células teciduais soltas, isoladas uma das outras, numa lâmina como se fossem células sanguíneas. E assim duas ginecologistas, minhas ex-residentes, se tornaram excelentes citologistas e até hoje dirigem o Labo-



ratório de Citologia da Clínica Ginecológica da FMUSP. Refiro-me às doutoras Haruco Okumura e Selene Zyngier que tiveram sua aprendizagem com Cardoso de Almeida e este diretamente com Papanicolaou no New York Hospital, da Cornell University.

Mas como surgiu Papanicolaou? Quem foi Papanicolaou? Onde se desenvolveu e forneceu às mulheres o mais notável método de detecção como "screening" para a população feminina?

George Nicholas Papanicolaou, o pai da moderna citologia, nasceu em 13 de maio de 1883, na cidade de Kymi (Cumi), na ilha grega de Euboea.

Sua família era próspera e seu pai, médico na cidade de Kymi, o enviou para a escola médica de Atenas onde se graduou em 1904. A seguir foi para Munique, Alemanha, para estudar Ciências Naturais, aí permanecendo até 1910.

Com a guerra das Balcãs, onde serviu como médico no exército grego, despertou em sua mente o desejo de conhecer novos horizontes. Parece, conforme assinala Lopold Koss em seu editorial sobre o Cente-

nário de Papanicolaou, que o jovem médico não desejava continuar sua vida profissional na pequena província. Assim atesta a transcrição de sua carta escrita em 31 de dezembro de 1904 a seu pai, em resposta à sugestão de se tornar médico militar: "I don't want to be a military doctor. No, I don't want that! I want to feel all the joy that the battle of life has to offer".

Sem recursos, deixou a aldeia natal casando-se com Mary, moça de excelente família que se tornou sua preciosa companheira por toda sua vida. Após tentativas para arrumar emprego em Paris, o jovem casal seguiu para Nova York, onde conseguiu se manter à custa do seu violino, pois tocava bem este instrumento, o que lhe possibilitou a sobrevivência até fins de 1913, quando conseguiu se tornar assistente do Departamento de Patologia do New York Hospital. Aí se fixou e dedicou-se à pesquisa científica.

O citodiagnóstico ginecológico teve início em 1847 com Pouchet, que descreveu modificações citológicas na secreção vaginal da mulher. Lataste e De Retterer, em 1892-93, estudaram o ciclo das membranas de

mamíferos e, em 1917, Stockhard e Papanicolaou publicaram estudos sobre o ciclo vaginal de cobaias, trabalho básico para os futuros estudos das modificações cíclicas do epitélio vaginal. Cerca de oito trabalhos surgiram sobre o assunto até que, em 1933, Papanicolaou divulgou com grande base e convicção as alterações do epitélio vaginal durante o ciclo menstrual, fato confirmado por vários autores.

Nesta particular convém lembrar que em 1928, na FMUSP, Tinoco Cabral apresentou trabalho pioneiro sobre citologia vaginal. Refiro-me à tese "Modificações das células epiteliais da vagina humana na gravidez e na menopausa: estudo pelo método dos esfregaços". Ainda aqui em São Paulo, e, 1936, Fraenckel e Ória publicaram estudo sobre o "Esfregaço Vaginal em recém-nascidas e nos primeiros meses após o nascimento". No Rio de Janeiro, Antônio Quinet, em 1938, levou à Clínica a "fórmula citológica" para o ciclo menstrual, como Murray preconizava em Buenos Aires.

Em 1933, Papanicolaou estudou a influência dos hormônios ovarianos sobre a citologia vaginal na menopausa. A seguir publicou numerosos trabalhos em colaboração com outros autores, entre os quais Shorr, visando o aperfeiçoamento dos métodos de coloração citológica, culminando, em 1943, com a publicação do famoso Atlas em colaboração com Traut, sobre o diagnóstico do câncer do útero pelo esfregaço vaginal (Diagnosis of Uterine Cancer by the Vaginal Smear). Durante três anos, Papanicolaou e Traut investigaram 3.044 mulheres logrando diagnósticos exatos de câncer pela citologia vaginal em 98,4% dos casos; 127 carcinomas do colo uterino e 52 do corpo uterino foram confirmados pelo exame histológico.

Seu primeiro trabalho sobre células esfoliadas atípicas, publicado em 1928, não chamou a atenção dos estudiosos,

mas seu Atlas apareceu em 1943 teve enorme repercussão.

Surgiram numerosos trabalhos confirmando seus resultados e, em 1948, a Sociedade Americana para o estudo do câncer, baseada em 25 fontes distintas, divulgou a importância do novo método de diagnóstico precoce do câncer genital feminino recomendando a criação de centros especializados para a detecção dessa mortalidade.

Em numerosos países começaram a surgir estudos confirmando a descoberta de câncer inicial, pré-invasivo, assintomático, pelo assim denominado "Pap Smear".

No Brasil, o primeiro trabalho foi a tese de Vespasiano Ramos, no Rio de Janeiro, intitulada "Novo método de diagnóstico precoce do câncer uterino". Em São Paulo, Medina e Marcondes Silva apresentaram trabalho sobre o tema. Posteriormente, Dib Gebara e principalmente Clarice do Amaral Ferreira com sua tese sobre Colpocitopatologia, em 1946, foi a principal difusora desse método no Brasil culminando com a presidência do III Congresso Internacional de Citologia no Rio de Janeiro, onde se reuniram quinhentos citologistas de todo o mundo.

Graças à genialidade de Arnaldo de Moraes, professor de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi fundado, em 1948, o primeiro ambulatório para o diagnóstico precoce do câncer ginecológico no Brasil, tendo a dra. Clarice do Amaral Ferreira, uma de suas assistentes, na chefia.

Em São Paulo, José Medina criou em 1952 no Hospital das Clínicas o Laboratório de Citologia sob a direção de Antônio Cardoso de Almeida da recém-chegada de Nova York.

Em vários outros estados do Brasil e em quase todos os países do mundo foram sendo criados Centros de detecção do câncer ginecológico pelo "Pap Smear".

Nas escolas ginecológicas de Arnaldo de Moraes, no Rio de Janeiro

# da moderna Citologia

e Medina em São Paulo, até hoje as pacientes são submetidas simultaneamente aos dois métodos de detecção do câncer cérvico-uterino: citologia e colposcopia. Mas, na década de 1960, no Rio de Janeiro, Arthur Campos da Paz organizava o grande centro "Pioneiras Sociais" para a detecção do câncer cérvico-uterino pela citologia, sendo somente os casos suspeitos e positivos encaminhados a colposcopia para a biópsia orientada colposcopicamente. De fato, esta é a grande vantagem do "Pap Smear". É método para "Screening", isto é, para abranger grandes populações.

Em 1948, Papanicolaou, Traut e Marchetti publicaram outros atlas: "The Epithelia of the Woman's Reproductive Organs" e em 1954 novo atlas: "Atlas of Exfoliative Cytology". Papanicolaou, publicou mais de 150 trabalhos científicos, recebeu grandes honrarias, entre as quais a "Medalha de Honra da Sociedade Americana de Câncer", em 1952.

Nesse ano de 1952, tive a grande honra de conhecer pessoalmente o eminente pesquisador, já professor emérito de Anatomia Clínica da Universidade de Cornell. Personalidade modesta, amável, simpática, em flagrante contraste com a importância de sua notável obra científica. Logo surgiram sumidades da Ginecologia, Patologia e Citologia que confirmaram seus trabalhos e que contribuíram para a Citologia se tornar um dos métodos mais importantes para se descobrir lesões malignas através do estudo das células em secreções e exsudatos. De Brux, Palmer, Varangot na França, Osborn na Inglaterra, Berger na Suíça, Montalvo na Espanha, Navratil na Áustria, Limburg e Ziner na Alemanha, etc...

Estagiando em 1952 e depois em 1960 no Departamento de Ginecologia e Obstetria do New York Hospital, Cornell University, tive a oportunidade de assistir

nhecer esplêndido Laboratório de Citologia que estava transformando num verdadeiro Centro Mundial de Pesquisa e aprendizagem citológica.

Aprendendo citologia oncológica com Ruth Graham, diretora do Laboratório de Citologia do Departamento de Ginecologia chefiado pelo eminente ginecologista, prof. Joe Meigs, na Universidade de Harvard, Boston, tive a oportunidade de constatar a admiração, carinho e reconhecimento que estes profissionais dedicavam ao consagrado mestre Papanicolaou. A dedicação de Ruth Graham, no livro "The Cytologic Diagnosis of Cancer", editado pelo Vincent Memorial Hospital, no Massachusetts General Hospital, em 1950, confirma a admiração.

Com sua atenção dirigida na perseguição de células descamadas para estudar as características da malignidade, o minucioso e perspicaz investigador descreveu não somente as células vaginais, cervicais e endometriais nas fases pré e pós-ovulatórias do ciclo menstrual, mas, ao tentar vários métodos de coloração, também descreveu a cristalização do muco cervical sob ação da prata. Na realidade a cristalização arboriforme do muco aparece quando secado em lâmina, fato bem evidenciado por Rydberg, em Copenhagem, e daí esse fenômeno estar ligado ao seu nome. Rydberg divulgou o fenômeno da cristalização do muco cervical em 1948, três anos após a publicação de Papanicolaou.

A seguir, em 1951, Campos da Paz, no Rio de Janeiro, relacionou tal fenômeno à penetração dos espermatozoides. E nós, em 1954, em nossa tese de doutoramento, aqui na FMUSP, estudamos esse fenômeno durante o ciclo menstrual, nos ciclos anovulatórios como teste de gravidez. Mas, sem dúvida, como citamos foi Papanicolaou quem pela primeira vez no mundo relatou que, próximo à época da ovulação, o mu-



co cervical se cristaliza da maneira arboriforme e que tal fenômeno depende da ação dos hormônios estrogênicos.

Ao preparar minha tese sobre a "Cristalização do muco cervical durante a gravidez", apresentada no meu terceiro concurso de livre docência, na Faculdade de Medicina do Paraná, dele recebi sugestões, pois esse trabalho foi realizado no Departamento de Obstetria e Ginecologia do New York Hospital, Cornell Medical School, sob a chefia do prof. Gordon Douglas, em 1960 e 1961.

Antes de ir trabalhar em Nova York, em 1960, permaneci durante dez meses no serviço do prof. Ernest Page, em São Francisco, na Universidade da Califórnia, e lá sempre estive em contacto com o professor emérito, Herbert Traut, ex-colaborador de Papanicolaou. Muito aprendi com Traut que, apesar de ginecologista, dirigia o Laboratório de Citologia e era exímio citologista. Por várias vezes ouvi Traut se lamentar quanto à deturpação que estava ocorrendo com a citologia. E que nessa ocasião, nos Estados Unidos, estavam proliferando Centros de

Detecção do Câncer Ginecológico com citotécnicas para examinar grande número de lâminas, selecionando as suspeitas para serem analisadas pelos médicos citologistas. Com esta prática, dizia Traut, aumentava o número de resultados falsos negativos podendo desacreditar o método. Mas venceu o espírito prático dos norte-americanos, pois o aumento de resultados falsos negativos foi plenamente compensado pelo grande número de pacientes que puderam ser atendidas. Não concordava Traut que, como Papanicolaou, era um pesquisador, e examinava minuciosamente cada lâmina durante meia hora. Daí a altíssima precisão de resultados da Citologia divulgados ao mundo científico no célebre atlas de Papanicolaou e Traut.

Sem dúvida, os esfregaços vaginais podendo ser obtidos por enfermeiras especializadas, enviados aos laboratórios de citologia e inicialmente examinados por citotécnicas que selecionaram os casos para os citologistas, transformaram o "Pap Smear" num verdadeiro método de rastreamento do câncer do colo do útero. As campanhas educativas

se encarregaram de alertar a mulher a se submeter ao "Pap Smear" uma vez ao ano, e assim, nestes últimos quarenta anos, nos países altamente evoluídos, o câncer do colo está em franco decréscimo a ponto de sua incidência quase se igualar ao câncer do corpo do útero. Convém lembrar que o câncer do colo do útero representa 30% de todos os cânceres da mulher e que em nosso meio ainda a relação do câncer do colo uterino para o corpo, é de cinco para um. Na Clínica Ginecológica da FMUSP, 80 a 85% dos casos de câncer uterino se localizam no colo do útero.

Numerosas sociedades nacionais de Citologia foram criadas, todas filiadas à Internacional e, atualmente, a "Acta Cytologica" é uma das revistas de alto nível sobre o assunto.

Seus cursos de Citologia no Departamento de Anatomia eram famosos e procurados por médicos de todas as partes do mundo, pois seu método estava sendo estudado em todas as secreções e exsudações do corpo humano. Era o Centro Mundial de Estudos das Células esfoliadas, isoladas, fixadas, coradas em lâminas e arquivadas para aqueles que mais tarde desejasse reestudá-las.

O dr. Pap, como o chamava sua dedicada esposa Mary, abriu um novo mundo para o diagnóstico das lesões malignas: a Citologia, método que detecta precocemente lesões malignas e pré-malignas, apesar de exigir biópsia para a confirmação histológica, base da terapêutica dos tumores.

Atualmente, pelo menos em Ginecologia, a persistência de citologia positiva e biópsia negativa exige investigação, tal é a pequena margem de erro, isto é, de resultados falsos negativos e falsos positivos que o "Pap Smear" acarreta.

Na Clínica Ginecológica da FMUSP, a Citologia Oncótica teve início em 1952 e, até hoje, mais de 180 mil mulheres foram submetidas a esse método

de detecção, com a descoberta de mais de 850 carcinomas pré-invasivos, isto é, carcinomas assintomáticos, e que foram curadas por uma pequena cirurgia: conização e amputação do colo uterino.

A cura todavia não chega a 100% dos casos, devido a fatores epidemiológicos, que podem intervir fazendo em pequena porcentagem de casos reaparecer a traçoira moléstia. Daí a importância das mulheres se submeterem anualmente a esse método, como nos habituamos a ir ao dentista para tratar de eventual cárie, inicial, assintomática.

O benefício que o "Pap Smear" trouxe para a humanidade é extraordinário. Milhares de mulheres em todos os países do mundo estão sobrevivendo graças ao seu talento, à sua argúcia de cientista e pesquisador, a sua pertinaz teimosia em estudar as características das células isoladas, fora dos tecidos.

Aos 77 anos de idade, com o mesmo entusiasmo de sua juventude, Papanicolaou ou aceitava o convite para ir dirigir grande Instituto de Pesquisa sobre Citologia Esfoliativa, em Miami, que, aliás, lhe foi dedicada e ostenta o seu nome. Aos 79 anos, o inquieto pesquisador ainda fazia planos de jovem, mas a 19 de fevereiro de 1962 faleceu o famoso Dr. Pap, criador do "Pap Smear", que graças à sua grande visão, aos poucos o câncer do colo do útero está sendo dominado.

É por isso que desejo congratular o Prof. Carlos da Silva Lacaz, pela idéia de homenagear e ter um poster desse notável cientista na galeria dos benfeitores da humanidade do Museu Histórico da FMUSP.

Palestra pronunciada pelo Dr. Carlos Alberto Salvatore, professor emérito de Ginecologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) e diretor do Departamento de Cultura da APM, por ocasião da homenagem da Faculdade e seu Museu Histórico à memória de José Vieira Romeiro e George Nicholas Papanicolaou, em 2 de dezembro do ano passado.

# A origem do Hospital Geral de São Paulo

Reginaldo M. de Miranda

O Hospital Geral de São Paulo é atualmente um dos mais importantes do Exército. Muito bem localizado no Morro da Pólvora, possui amplas instalações, inauguradas parcialmente em 1988 e concluídas em 1988. A área onde está situado tem grandes tradições históricas. Nas proximidades do estabelecimento existe o grandioso Monumento do Ipiranga, no local onde foi proclamada a Independência do Brasil. Uma das entradas do hospital é pela rua da Independência, antiga Estrada Velha de Santos percorrida por Dom Pedro na tarde de 7 de setembro de 1822. A vasta área arborizada onde estão o hospital e outras organizações militares é remanescente da antiga e famosa Chácara da Glória. A denominação Morro da Pólvora lembra a antiga Casa da Pólvora da Guarnição de São Paulo que ali existiu no século passado. O próprio hospital tem origens históricas seculares. A finalidade desta palestra é apresentar um resumo dessas origens, lembrando a necessidade de serem realizados melhores estudos e pesquisas a respeito.

## A primeira assistência médica na Guarnição de Santos 1800 - 1788

Desde o início da colonização e até meados do século dezoito, a assistência da saúde à população, inclusive aos militares, foi prestada por particulares, pelas diversas Santas Casas das Irmandades de Misericórdia e pelos jesuítas. Segundo tradição oral aceita pela grande maioria dos historiadores, a primeira Santa Casa de Misericórdia fundada no Brasil foi a de Santos e seu hospital deu nome à cidade. A partir de meados do século dezoito foram estabelecidos hospitais militares em várias regiões do País. Até as primeiras décadas do século dezoito, as atividades profissionais dos médicos modernos, foram exercidas por físicos e cirurgiões. Físicos, licenciados, médicos, bacharéis em Medicina e doutores em Medicina eram os formados pelas Faculdades europeias e existiam poucos no Brasil. Cirurgiões e cirurgiões-barbeiros, uns aprovados e outros diplomados, eram os habilitados a exercer limitadas atividades médicas após um período de aprendizagem com profissionais mais antigos. Não havia farmacêuticos, drogas e ervas medicinais ficavam a cargo de boticários e práticos de farmácia. Dentes e doenças da boca eram tratados por cirurgiões-barbeiros e por simples barbeiros. A grande maioria do povo tratava suas doenças com práticos de categoria profissional inferior como padres, sanadores, aplicadores de sanguessugas, curandeiros, parteiras, rezadeiras, benzedoras, etc.

Um fato importante na História da Medicina Militar Brasileira foi a presença em Santos, nas últimas décadas do século dezoito, do licenciado português Francisco Lourenço exercendo a importante função de cirurgião-mor do Presídio da Vila de Santos. Em linguagem atual, chefe do Serviço de Saúde da Guarnição da Vila de Santos. Ignora-se a data em que assumiu a função, se teve ante-

cessores e quem foram seus auxiliares. Em 1680 já estava em Santos, casado com senhora de elevada posição social e com uma filha, Francisco Lourenço, o mais antigo médico militar de quem se tem notícia no atual Estado de São Paulo, faleceu em Santos em 9 de dezembro de 1720, deixando onze filhos, homens e mulheres ilustres, (dois figuram entre os maiores brasileiros de todos os tempos). Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o "Padre Voador", notável cientista, foi o precursor universal da navegação aérea. Alexandre de Gusmão foi o grande diplomata português do século dezoito, autor do célebre Tratado de Madri, de 1763, que anulou o Tratado de Tordesilhas e deu ao Brasil o traçado geral atual das suas fronteiras. Após Francisco Lourenço, sucessivos profissionais exerceram o cargo de cirurgião-mor do presídio. Por volta de 1720 ocorreu séria divergência entre o comandante da Praça de Santos, que pedia a criação de uma botica, e o capitão-general governador do Rio de Janeiro, seu superior administrativo.

Dois aspectos importantes devem ser lembrados. Primeiro, após a fundação da Colônia do Sacramento, estendendo a posse brasileira, em 1680, até a margem esquerda do Rio da Prata, cresceu a importância de Santos como base de apoio econômico e militar na complexa geopolítica do Prata. Em segundo lugar, a presença de médicos militares antecedeu a existência da guarnição permanente do Exército regular em Santos, guarnição que surgiu em 1700 quando ali chegaram e foram aquarteladas duas Companhias de Infantaria, de sessenta homens cada uma, vindas de Lisboa. Antes de 1700, a defesa estava a cargo das tropas de Ordenança locais.

## Os primeiros hospitais militares na Capitania de São Paulo 1788 - 1851

Os primeiros hospitais militares no Brasil surgiram em Pernambuco durante as guerras contra os holandeses. Seriam instalações improvisadas e temporárias, hospitais de campanha na linguagem atual. O primeiro criado efetivamente como hospital foi o Hospital Real Militar da Bahia, em 1730. A partir de meados daquele século outros foram sendo criados em Santos, 1753; Rio de Janeiro, 1768; Ilha do Desterro, atual Florianópolis, 1769; São Paulo, 1800; Belém do Pará, São Luiz do Maranhão, Fortaleza, Vila Rica, Porto Alegre, etc. O do Recife, até hoje existente, data de 1817.

A Capitania de São Paulo permaneceu extinta de 1748 a 1765 e seu território, que compreendia os atuais Estados de São Paulo e do Paraná, inclusive o Planalto Catarinense, foi administrado pelo comandante e governador da Praça de Santos, subordinado ao capitão-general governador do Rio de Janeiro. O coronel Ignácio Eloy de Madureira foi um dos mais operosos comandantes de Santos naquele período. O Regimento de Infantaria de Santos, única tropa do Exército da 1.ª Linha existente na Capitania, contava com a assistência de médico, cirurgião e

sangrador, tinha uma botica e, ao que tudo fez crer, enfermaria, eis que não existia hospital na vila. O coronel Madureira fundou em Santos o primeiro hospital militar da Capitania. Não se conhece a data em que o estabelecimento começou a funcionar, mas foi antes de 14 de outubro de 1753, data do ofício em que o coronel informou ao rei sua fundação. Devido a escassez de recursos no órgão fazendário local, o hospital, instalado em dependências do quartel do Regimento, começou a funcionar com as contribuições pessoais em dinheiro dos oficiais e praças. O Hospital Real Militar de Santos foi o primeiro realmente organizado no atual Estado de São Paulo, pois as primitivas Santas Casas de Misericórdia de Santos e de São Paulo foram instalações precárias, deixaram de existir durante longos períodos e somente começaram a prestar efetiva assistência a partir da década de 1830. No hospital, serviram físicos e cirurgiões de mérito, inclusive, durante dezenas de anos, o dr. José Bonifácio de Andrada, formado pela Universidade de Coimbra, tio do Patriarca da Independência e, pelo que se sabe, o primeiro paulista a se formar em Medicina. Outro médico importante, o português dr. Joaquim José Freire da Silva, ali serviu durante mais de quarenta anos. Seus praticantes de Cirurgia recebiam instruções no próprio nosocômio. Após a expulsão dos jesuítas, os edifícios dos seus antigos colégios situados em São Luiz do Maranhão, Salvador, Rio de Janeiro e Santos passaram a servir como hospitais militares. O de Santos ocupou a maior parte das dependências do extinto Colégio de São Miguel. Em fins do século dezoito, a Armada Real de Portugal instalou a Intendência de Marinha de Santos, importante estabelecimento militar, chefiado por oficiais da Marinha de alta hierarquia e antecessor histórico da atual Capitania dos Portos do Estado de São Paulo. Em meados do século dezoito, intendentes da Marinha de Santos foram, cumulativamente, inspetores (atuais diretores) do hospital. No local do primeiro estabelecimento paulista, digno do nome de hospital, foi inaugurado no Dia da Bandeira, 19 de novembro de 1934, o atual e imponente edifício da Alfândega de Santos, o maior órgão arrecadador da Receita Federal em todo o Brasil.

Na cidade de São Paulo, uma enfermaria militar foi instalada em 1765 no Palácio do Governo, antigo colégio dos jesuítas. A Irmandade da Santa Casa de Misericórdia possuía um pequeno hospital em duas casas junto à Igreja da Misericórdia, igreja situada no largo que conserva o seu nome. Em 1774 aquele modesto hospital passou a servir unicamente como enfermaria militar. Alguns anos mais tarde foi iniciada a construção do primeiro hospital militar no bairro da Luz. Junto à construção foi demarcada uma grande área destinada ao Jardim Botânico. Aquele primeira construção foi interrompida devido, certamente, à escassez de água no local. O Jardim da Luz é o que hoje resta do antigo Jardim Botânico, após

sucessivas mutilações dos seus terrenos. Novo hospital foi construído na margem esquerda do Ribeirão Anhangabaú, em terreno levemente inclinado e bem servido de água. Nos últimos dias de 1801, os doentes foram transferidos da enfermaria militar junto à Igreja da Misericórdia para o novo estabelecimento, muito bem instalado em dois grandes edifícios contíguos, de dois pavimentos, e onde já funcionava a Botica Real Militar. O coronel da Artilharia Antônio José de França e Horta, foi capitão-general governador de São Paulo de dezembro de 1802 a outubro de 1811. França e Horta, que chegou a marechal de campo e que deu nome à importante cidade paulista de França, desentendeu durante todo seu governo grande assistência social, particularmente de saúde. Em 1803 providenciou o funcionamento de uma aula de Cirurgia no hospital militar. Em março do ano seguinte os seis alunos daquela aula foram examinados no Palácio do Governo e aprovados como cirurgiões. Um dos aprovados, Joaquim Teobaldo Machado, foi o pai do cirurgião Francisco Álvares Machado e Vasconcelos, também formado no Hospital Real Militar de São Paulo, notável político da época da Regência e que deu nome à cidade paulista de Álvares Machado. Médicos dos mais ilustres foram inspetores do estabelecimento nas primeiras décadas do século dezoito, destacando-se os drs. Mariano José do Amaral, João Álvares Fragoso e Justino de Melo Franco, este último formado pela Universidade de Göttingen, na Alemanha. Naquela época existiam também dois outros pequenos hospitais militares na Capitania, um em Guarapuava, no atual Estado do Paraná, e outro na Real Fábrica de Ferro de São João do Ipanema. A grande importância do nosocômio influenciou a urbanização da cidade. Por volta de 1810 foi muito alargada a rua de São João, origem da importante avenida atual do mesmo nome, e também, demarcadas áreas próximas ao hospital destinadas a exercícios militares. São hoje a praça da República e o largo do Arouche. Em 1811 ocorreu sério atrito administrativo entre o governador e o dr. Fragoso, inspetor do estabelecimento, por ter França e Horta discordado dos termos de um longo relatório que o dr. Fragoso remetia ao ministro da Guerra, sobre as deficiências dos hospitais militares da Capitania. A documentação que restou do incidente constitui um precioso documentário, não só para a História da Medicina Militar Brasileira, como também, para o conhecimento de numerosos usos e costumes da época. O hospital e a farmácia receberam elogios de ilustres visitantes estrangeiros. Duas manifestações foram de pessoas altamente qualificadas. Em 1813, o dr. Gustavo Beyer, formado pela Universidade de Lund e antigo físico-mor da Armada da Suécia, elogiou o hospital e seu corpo médico. Poucos anos depois, o famoso viajante, naturalista e botânico, francês Auguste de Saint Hilaire elogiou a botica.

## Antigos hospitais regimentais e enfermarias militares em São Paulo

Do período da Regência e até a grande reorganização do Ministério da Guerra, em 1908, os efetivos do Exército na área paulista sempre foram muito pequenos, normalmente uma ou duas Companhias de Infantaria e uma de Cavalaria aquarteladas na Capital. A assistência médica aos militares era prestada no Hospital Regimental, uma grande enfermaria situada no Quartel de Linha, vasto edifício inaugurado em 1790 como Quartel da Legião de São Paulo. Aquele hospital, também denominado Enfermaria Militar da Capital de São Paulo, funcionou até os últimos anos do século dezoito. No seu local existe o majestoso edifício do Fórum. Interessante lembrar que o Serviço de Saúde do Exército foi criado em 1849 e seus médicos e farmacêuticos passaram a ocupar postos na hierarquia militar. Até então

eram somente designados, por suas qualificações profissionais. Ilustres oficiais do corpo de Saúde serviram na quebra Enfermaria Militar Pouco depois da Guerra do Paraguai foi chefiada pelo 1.º Cirurgião dr. João Thomaz Carvalhal, delegado do cirurgião-mor do Exército na Província, médico de grande renome e que deu nome a uma rua paulistana.

Outras enfermarias e farmácias do Exército existiram na área paulista. Em fins da década de 1850, foram organizadas, ao longo do rio Tietê, as Colônias Militares de Avanhandava e de Itapura, para facilitar as comunicações entre São Paulo e o Sul do Mato Grosso. Aqueles colônias, que tinham enfermarias e farmácias, vieram a perder importância com a construção, no início do século atual, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. A Fábrica de Ferro de São João do Ipanema esteve, a partir de 1811 e durante longos períodos, sob a administração do Exército, até ser entregue em 1937 ao Ministério da Agricultura. O estabelecimento dispunha normalmente de enfermaria e farmácia. Atualmente, na parte dos terrenos da importante Fazenda Ipanema, historicamente conhecidos como Campos Realejos, o Ministério da Marinha possui importantes instalações de pesquisa científica. Em meados do século atual, o Exército iniciou, em Piquete, a construção de importante estabelecimento industrial. Inaugurada em março de 1909, e dispoñdo de instalações de assistência de saúde, a Fábrica de Pólvora Sem Fumaça recebeu, em 1942, a atual denominação de Fábrica Presidente Vargas. A partir de 1894, o Exército ocupou em caráter permanente, na capital do Estado de São Paulo, o Quartel de Santos, antiga sede da Fazenda de Santana, confiscada aos jesuítas no século dezoito. O edifício atual, inaugurado em 19 de agosto de 1917, é o quartel do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo. Desde a sua primeira ocupação, o Quartel de Santana possuía enfermaria, instalada em uma casa particular, alugada na atual rua Marechal Hermes da Fonseca. Tinha a denominação de Enfermaria Regional da 2.ª Região Militar quando foi iniciada, em 1918, a construção do novo hospital militar no Morro da Pólvora, bairro do Cambuci. Foi extinta logo após a solene inauguração, em 3 de maio de 1920, do atual Hospital Geral de São Paulo.

## DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon  
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação  
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural  
Heber Maia de Mattos - Música

Nelson Pedral Sampaio  
Wanda Gonda

Pinacoteca

Palestra feita no Centro de Estudos do Hospital Geral de São Paulo, em 3 de maio último, data do 68.º aniversário da inauguração do hospital.